

Lição 7: A causa por parte da matéria da geração nunca falha.

52. Após apresentar uma objeção contra a referida solução, o Filósofo aqui introduz outra questão, cuja resposta resolve a objeção anterior. Sobre isso, ele faz duas coisas: Primeiro, ele introduz a questão e a resolve; Em segundo lugar, ele usa essa solução para resolver a questão principal (L. 8).

Quanto ao primeiro, ele faz três coisas: Primeiro, ele apresenta a questão; Segundo, ele aborda a questão, em 54; Terceiro, ele a resolve, em 57.

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas:

Primeiramente, ele introduz a questão [52] e afirma que "essas", ou seja, a objeção anterior, devem ser tratadas na medida em que a proposição exige, e que, para uma melhor compreensão, devemos investigar a razão pela qual a geração sempre existe, isto é, tanto a geração absoluta quanto a geração "com respeito a uma parte", ou seja, a geração em sentido qualificado. Ora, aqueles que postulam que o mundo e o movimento são perpétuos devem também postular a geração perpétua. Qual é a força dos argumentos de Aristóteles a respeito da perpetuidade do movimento e da eternidade do mundo, explicamos em *Física* VIII e em *Sobre o Céu* I.

53. Em segundo lugar [53], ele explica a questão que introduziu e afirma que uma causa que pode ser atribuída à eternidade da geração é aquela chamada "donde surge o princípio [início] do movimento", ou seja, a causa motriz ou eficiente; outra causa pode ser atribuída, que é a matéria. E esta é a que deve ser atribuída agora, a saber, a material — pois a causa motriz já foi discutida no tratado sobre o movimento, ou seja, na *Física* VIII, onde foi dito que existe um certo motor imóvel por todo o tempo, a saber, o motor dos céus, e um motor que é sempre movido, a saber, os céus.

Determinar acerca de uma dessas, a saber, o primeiro motor, pertence a outra parte da filosofia, a parte que é a primeira entre todas as partes; por isso, na *Metafísica* XII, o Filósofo determinou acerca da causa da perpetuidade do movimento e da geração. Mas, com relação ao outro motor, a saber, o motor que causa a geração perpétua porque ele próprio é continuamente movido, será posteriormente atribuído, no final do presente livro, como ele é a causa "de cada um dos mencionados", isto é, da perpetuidade da geração absolutamente falando e em sentido qualificado.

Mas agora devemos atribuir a causa pela qual, na perpetuidade, a geração e a corrupção não abandonam a natureza, e qual é a causa "classificada sob a rubrica da matéria", ou seja, a causa material. E para que isso não pareça estranho à proposição, ele [Aristóteles] acrescenta que talvez ao mesmo tempo se mostre tanto o que deve ser dito sobre esta questão quanto o que deve ser dito sobre a geração e a corrupção absolutas.

54. Então [54] ele prossegue com a questão levantada. Primeiro, ele apresenta uma objeção que negaria a perpetuidade da geração; Em segundo lugar, ele rejeita algumas respostas a essa objeção, em 55.

Ele diz, portanto, primeiro [54] que parece haver razão suficiente para indagar sobre a causa pela qual a geração é "dobrada ao redor", ou seja, revolve-se eternamente na natureza, se aquilo que é corrompido absolutamente cai no não-ser. Pois, assim como o que é gerado absolutamente vem a ser a partir do não-ser absoluto, assim também o que é corrompido absolutamente pareceria cair no não-ser absoluto, no sentido de que esse não-ser seria absolutamente nada. Pois aquilo em que cai não pode ser um "algo", ou seja, uma substância, pois, já que a corrupção absoluta é da substância, o que é corrompido absolutamente deve cair no não-substância. Consequentemente, tampouco o não-ser no qual termina a corrupção pode ser qualidade, ou quantidade, ou "onde", ou qualquer um dos outros predicamentos, visto que os acidentes não podem existir sem a substância.

Se, portanto, a geração e a corrupção prosseguem para sempre, parece que algum ser estará sempre caindo no não-ser. Consequentemente, há sempre um ser subtraído, um ou outro, das coisas que possuem naturezas. Ora, é evidente que tudo o que é finito será consumido se algo for continuamente removido dele. Logo, se todo o universo, do qual cada e todo ser é gerado, é finito, e se a geração é *ab aeterno*, então todo ser já deveria ter se esgotado há muito tempo, de modo que nada mais restaria agora senão o vazio, ou seja, o vácuo.

55. Então [55] ele exclui duas respostas. A primeira era a dos antigos filósofos naturais que, para explicar a perpetuidade da geração, atribuíam infinito aos princípios. Pois todos os que postularam um princípio único, como o fogo, o ar, a água ou algo intermediário, dotaram esse princípio de infinito. Demócrito, no entanto, assumiu um espaço vazio infinito, bem como uma infinitude de corpos indivisíveis. Da mesma forma, Anaxágoras postulou uma infinitude de partes semelhantes como princípios.

Todas essas posições são rejeitadas pelo Filósofo, que diz que não pode ser que a razão pela qual a geração não cessa seja porque aquilo do qual algo é gerado é infinito, quer haja um princípio ou muitos princípios. Pois tal coisa é impossível, visto que, como foi provado na *Física* III e em *Sobre o Céu* I, não há na natureza infinito em ato.

56. Uma segunda resposta é agora apresentada e refutada [56]. Pois alguém poderia dizer que, embora não haja presente na natureza nenhum infinito em ato, há, no entanto, um infinito em potência, como é evidente na divisão de um contínuo. Consequentemente, alguém poderia dizer que, assim como, embora não seja infinito em ato, algo pode ser retirado ad infinitum por divisão de um contínuo sem que ele seja consumido, assim também, a partir do corpo natural, do qual todas as coisas são geradas, embora não seja infinito, algo pode ser retirado que, pela corrupção,

cai no não-ser, sem que, no entanto, seja jamais totalmente consumido.

Mas isso é excluído. Pois se, de um contínuo finito, como se diz na *Física* III, a mesma quantidade é sempre removida, ele, por maior que seja, será finalmente consumido — por exemplo, se alguém continuar a remover um palmo do diâmetro do céu. Mas um contínuo é dividido ad infinitum se a subtração for sempre feita segundo a mesma proporção — por exemplo, se um contínuo for dividido ao meio, e a metade ao meio, e assim por diante infinitamente. O mesmo vale para qualquer outra razão. Feita tal divisão, é evidente que o que é retirado após a metade será sempre menor do que o que foi retirado antes — pois a metade da metade é sempre menor do que a metade do todo. Logo, Aristóteles conclui que, se é deste modo que a geração e a corrupção devem durar para sempre, ou seja, do modo como um contínuo é para sempre dividido, então o que for gerado posteriormente terá sempre que ser menor em quantidade, de modo que, em virtude de o que é subtraído do corpo natural ser sempre menor, a quantidade original não será totalmente consumida. Mas não vemos isso acontecer, a saber, que o que é gerado seja sempre menor. Consequentemente, o modo como a geração e a corrupção perduram ad infinitum não pode ser semelhante à divisão de uma magnitude ad infinitum.

57. Então [57], tendo rejeitado as falsas soluções, ele conclui pela verdadeira, a saber, que a razão pela qual a transmutação da geração e da corrupção deve ser infalível, ou "incessante", i.e., ininterrupta, é que a corrupção de um é a geração de outro, e vice-versa. Pois a geração *per se* é, de fato, a partir de um ser em potência, i.e., da matéria, que é como o sujeito das coisas naturais — é accidental à matéria a partir da qual algo é gerado que ela seja o sujeito de outra forma, com respeito à qual ela é ser em ato, e ao mesmo tempo da privação da forma a ser induzida, com respeito à qual ela é não-ser em ato. Por esta razão, Aristóteles, na *Física* I, diz que a geração é *per accidens* a partir de um ser em ato, mas *per se* a partir de um ser em potência.

Similarmente, uma coisa é *per se* corrompida em um ser em potência, que, de fato, está agora sujeito a outra forma, segundo a qual é um ser em ato, e à privação da forma anterior, com respeito à qual é agora não-ser em ato. Consequentemente, não se segue que o que é corrompido parta completamente de toda a natureza das coisas, pois, embora aquilo que é corrompido se torne não-ser, algo outro permanece, a saber, aquilo que foi gerado. Assim, a matéria não pode permanecer sem estar sujeita a alguma forma. É por isso que, com a corrupção de uma coisa, outra é gerada, e com a geração de uma coisa, outra é corrompida. Consequentemente, há na geração e na corrupção um certo ciclo que lhe confere a aptidão para durar para sempre.

Finalmente, ele conclui com o resumo de que a causa mencionada deve ser considerada suficiente quanto à razão pela qual deve haver geração e corrupção absolutas com respeito a cada e toda coisa na perpetuidade. Isso é verdadeiro sob a suposição de que o mundo e o movimento são eternos — o que, no entanto, a fé católica não supõe, como foi dito em outro lugar.